

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do Jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stercotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 17 DE OUTUBRO DE 1904

NUMERO 50



O QUADRO DESTINADO Á PEQUENA CASA DE JANTAR DO ANNEXO DO CONVENTO DO BUSSACO
TRABALHO DO PINTOR ERNESTO CONDEIXA

Condeixa tem o seu nome consagrado, porém com o ultimo trabalho destinado ao convento do Bussaco e que lhe foi encomendado pelo sr. ministro das obras publicas acaba de realizar uma obra prima. Aquellas figuras etheras de serena belleza, de carnes frescas, vivendo de tons suaves n'um espaço que nem uma nuvem mata dessa toada, são a affirmacão abocciata do grande talento do pintor. Desde ha muito que Condeixa occupava um grande logar entre os nossos mais

illustres artistas, porém com essa obra, toda de cuidado e de belleza, com esse maravilhoso trabalho, guindou se muito acima do que se podia esperar.

O sr. ministro das obras publicas entregando essa decorecção ao distincto artista demonstrou claramente como o aprecia e como sabe conhecer os artistas que, infelizmente, no nosso meio raramente tem occasião de serem recompensados dignamente e seu talento.

CHRONICA

A expansão

Que o paiz se expande começa a asseverar-se á bocca cheia. Temos a expansão agricola, a colonial, a vinicola e a nomeativa, que faz haver trigo a rodos, cidades maravilhosas na Africa, vinho que se deita fóra, por não haver nem pipas nem estomagos para o conter, o que faz abrir vagas em sitios onde ha gente demais. E' a expansão em todas as suas fórmas mesmo na policial.

Vae ser apresentado ao parlamento um projecto que tende a crear um exercito de policiaes por todo o paiz, que entre por todas as aldeias, que se ramifique, se entranhe, suba os montes, se aquartele



MAREM DO ZEZERE EM DORNES



ASPECTO DO ZEZERE EM DORNES

no topo da serra da Estrella e ande em barcos no Atlantico, que se aniche nas Berlengas e marche pelas lezirias, de revolver, sabre, bigodeira e apito, a vigiar, a manter a ordem. Expande-se a policia, vão crear-se mais prisões, porque não pode haver policiaes sem calabouços.

A policia nasceu para prender, logo ha de ter onde metter os presos.

Veremos dentro em pouco um policia para cada habitante e não se poderá ir ao chá dos Fragosos no beco do Falla só sem se levar atraz uma esquadra. Em vez de attestados de bom comportamento tiraremos folhas corridas, em vez de certificados teremos deprecadas, em vez de trens andaremos em carruagens cellulares, em vez d'uma patria viveremos no Limoeiro que se alargará desde o Cabo da Roca até Melgaço.

Não haverá aldeia, logarejo, selva, vallado onde



OUTRO ASPECTO DO ZEZERE EM DORNES



ENTRADA DO LADO SUL EM CARRIL



TORRE DA EGREJA EM DORNES

não esteja um policia com cinco tostões por dia e um apito. Elles irão ás romarias, ás predicas dos missionarios, ás tabernas, nos ministerios, acompanharão o Vintico e os cirios, serão as nossas sombras, as nossas companhias, as nossas familias, os nossos amigos.

Ha um desastre amoroso, uma mulher que nos trahie, pela qual temos uma paixão, morre-nos um parente, perdemos um emprego, soffremos d'uma colica e logo cahimos a chorar nos braços da Ordem. Fazemos um crime, temos a mania do suicidio, jogamos o soco, escrevemos um artigo azedo, o logo veremos um braço a adiantar-se, listrado com uma fita azul e branca, a pôr-nos embargos.

D'esta expansão policial nascerão mil maneiras novas de encarar a vida nacional. O crime vae



FERRERA DO ZEZERE—ASPECTOS DE PAIO MENDES

acabar, porque ninguém se admirará de ver a amante seguida por um homem.

— Que faz o senhor aqui?!

— Ora essa! Vigio . . . Sou da policia!

E no fundo das nossas almas apparecerá logo uma scintilla de gratidão para com o ministro que assim vae fazer zelar em absoluto todas as nossas propriedades e logo no nosso peito se erguerá um altar á expansão policial, que vae encher o paiz de agentes da ordem, que tudo vigiarão desde o phylloxera até ás pragas de gafanhotos, desde o jogo da busca até aos espirros de cada um.

A expansão policial é um poderoso melhoramento: primeiro emprega metade da nação, segundo aquieta a outra metade. E' a idea pacificadora.

E depois com prazer não nascerá nos nossos corações ao sentirmos sempre junto de nós algum encarregado de vigiar as nossas acções e as nossas bolsas, as nossas más palavras e as nossas ruins idéas? Que gratidão e que socego!

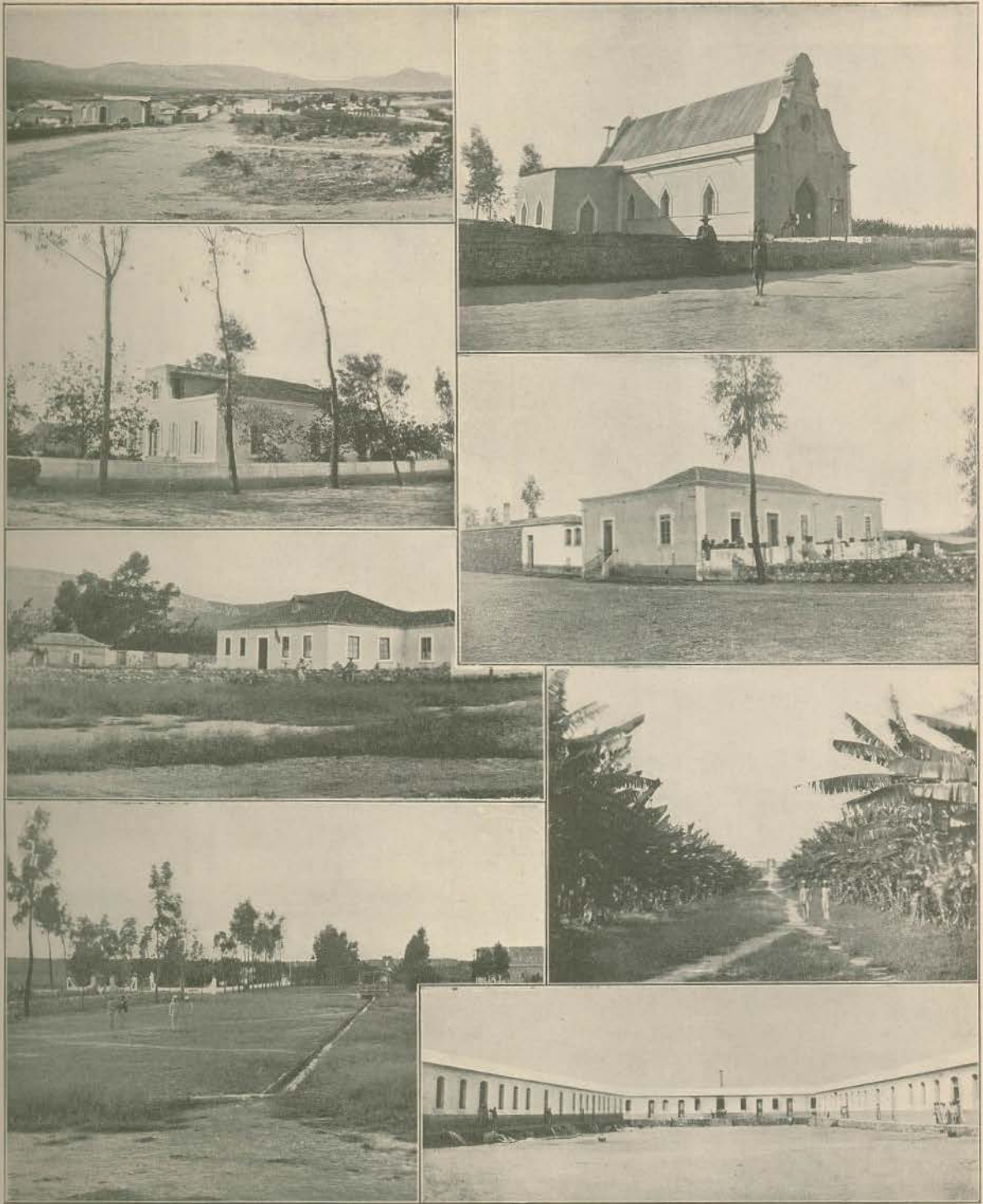
Um nosso amigo participou-nos que vae requerer um dos logares e como o interrogassemos acerca das vantagens d'esse cargo, elle foi franco, o pobre do rapaz:

— De ha muito ando atraz da Lobo, da filha do Lobo da casa de penhores . . . Mas como sou o melhor cliente do pae, elle pôe-me ao largo . . . Assim requiro e passo a occupar officialmente o logar que já occupo por minha conta: de policia da Lobo!

Casos como este ha milhares e d'ahi o grande contentamento que lavra no paiz pelo novo corpo de policia, que nos permitirá enfim dormir socegados, tão socegados como se tivéssemos a certeza da immortalidade e da bemaventurança.

Discute-se tambem a necessidade d'um outro corpo de policia para vigiar o primeiro e d'este modo acabaremos por nos prender uns aos outros, o que será de grande utilidade, pois escusa de andar por ahi tanta boa gente á solta! . . . E será este o primeiro passo para o absoluto regimen . . . celular.

ROCHA MARTINS.



COLONIAS PORTUGUEZAS—O LUBANGO

VISTA GERAL TIRADA DO QUARTEL—A CAPELLA—RESIDENCIA DO CHEFE DO CONCELHO—DELEGAÇÃO DE SAUDE—CASA DAS ESCOLAS—RUA DO CONSELHEIRO NEVES FERREIRA—PRAÇA DA COLONIA—PARADA INTERIOR DO QUARTEL

O Lubango fica a 20 dias de viagem de Moçamedes e era quartel general do capitão Aguiar, governador da Huilla, e d'allahi uma parte da ex-provincia chacinada pelos cusmatas. Em 31 de agosto o governador com o seu estado maior dirigia-se de Lubango para Gambia com destino ao Hambo. O quartel general era constituido da seguinte forma: Chefe de estado maior, capitão de cavallaria Duarte Ferreira, ajudante de campo, tenente Adolpho Ferreira, adjuntos, tenentes Francisco de Almeida e Teixeira de Azeredo. A marcha fez-se torni até aos Gumbos, mas d'alli para o Hambo convenceo a haver grande falta d'agua, o que sem duvida difficulou a viagem das forças até ali habitadas a uns certos recursos.

No Lubango o clima é quente, mas ha commodidades, edificios, casualizações, quartels hygienicos e plantações de primeira ordem. No districto da Huilla, onde fica o Lubango, o terreno é fertilissimo e tem-se ali estabelecido missões que muito tem prosperado, devendo-se-lhes em grande parte o desenvolvimento da região. Geralmente aquartelam-se algumas forças no Lubango, que é um bello ponto central d'onde es regimentos podem partir em favoráveis condições para as diferentes terras da provincia, como aconteçer agora em estas terras que após tão incómoda viagem até ao Hambo, que fica a uma considerável distancia, foram encontrar o inimigo.



AS GUERRAS D'AFRICA — CAMPANIA UAMATA

(Photo. enviadas pelo nosso correspondente do Lubango)

CARRO MISTO ATREVERANDO O RIO CUBENE — PARÇA UAMATA: EM BATEQUE — CERRADA DA COLUMNA DE OPERAÇÕES AO UAMATA COMPONTO DE 31 FANTAS, SA SEMPRA DA PARTIDA POR OCCASIAO DA REVISTA PASSADA PELO COMANDANTE — COSTEIRA E CHUADA DO GOVERNADOR E COMANDANTE DA COLUMNA DE OPERAÇÕES DO OCCASIAO DA FORMATEIRA PARA A NOVA CAMPAL DO LUBANGO EM 19 DE AGOSTO — UMA PARTE DOS SERVIDOS DA COLUMNA DE OPERAÇÕES AO UAMATA DEPOIS DA REVISTA EM OFFICIO DE MARCIA



GUERRA RUSSO-JAPONESA—UMA MISSA NO CAMPO POR ALMA DOS MORTOS DA BATALHA DE PORTO ARTHUR

No intervalo de duas batalhas os russos oram pelos seus. Vem o padre, o padre do rito ortodoxo com as suas vestes e com a sua fé, vêem as tropas e todos tremem com o pensamento na morte que talvez lhes chegue na primeira batalha. E o padre

reza pelo imperador e pela Rússia além, diante dos campos tintos de sangue, e as tropas corram, e já não no momento em que o sacerdote as abençoa. E assim que no breve espaço que medeia entre as batalhas os russos se preparam para combate.

seguintes, enquanto nos campos japoneses se fazem também as cerimónias do seu ritual, recomendo-se aos deuses para de seguida irem ao combate.

RESIDENCIAS REAES

(Palacio das Necessidades)

Aposentos particulares—Salas—Trechos da cerca
(Continuação do n.º 49)
III



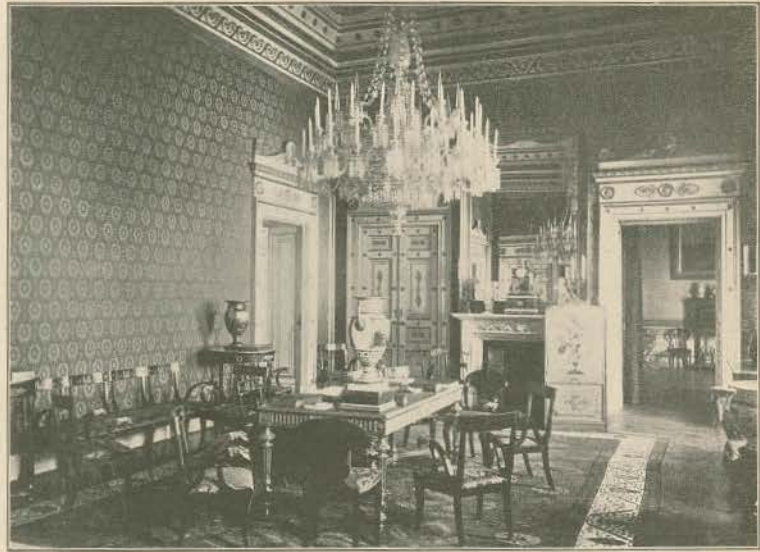
Um canto do aposento ha uma ostia em bronze que representa uma mãe segurando um filho, cabeceira e corpo de expressão terna e bella e que está assignada Clotilde de Surville e tem

no socco o seguinte verso de que conservamos a orthographia:

*O cher enfantel, vray portrait de ton père
Dors sur le sein que ta bouche a pressé
Dors, petit, clos aux sur le sein de ta mère
Tien douces aillel par te comme oppressé.*

Passamos então á linda sala amarella, que é toda mobilada no gosto imperio. Cadeiras, jarras, mezas, candieiros, relógios, mesmo a serena disposição dos móveis, têm aquelle ar de grandeza em que ha qualquer coisa de romano. E perfeitamente um salão napoleónico. Dá-nos a impressão que d'aquellas cadeiras que ficam junto do fogão vão sentar-se dentro em pouco num marcenário, Laumes ou Marat, Massona ou Lefebvre com as suas golas altas e as suas faces plebeas e bravas a reflectirem-se no aço do fogão e a falarem baixinho d'uma mulher que lhes negasse a victoria que os inimigos nunca lhes puderam recusar. E sobre a mesa do centro, onde ha um tinteiro com emblemas imperiaes, estão livros de encadernações ricas e a magnifica revista *Le Theatre*.

A sala enche-nos a vista com a sua pompa, palpita como uma recordação historica, evoca a epopoeia que tem aquelle caracter severo e ao mesmo tempo de linhas quebradas ao mobiliario; e a luz da tarde entrando pelas janelas largas chapa a moza onde os livros se dispõem artisticamente. Essa sala imperio é cheia de interesse, obriga-nos a demorar a attenção nos objectos, uns mais pequenas coisas e a detornar-nos nos momen-



A SALA IMPERIO

tos na analyse de todas as suas minucias. Fica junto uma outra sala onde ha mobilia portugueza antiga e quadros de Condeixa e Silva Porto.

São palangans alegres traçadas por mão de mestros, trechos de sobes e de campinas, quadros adquiridos por S. M. nas exposições de Bellas Artes e que estão logo além d'essa salinha de entrada que tem de se atravessar para ir á do throno e á rica sala imperio. Estão all bem á vista essas quadros marcando a arte portugueza, em bons locais, com muita luz que bem os destaca.

Logo ao lado é a sala do porteiro da cauna onde ha um tapete tecido com as armas reaes e os nomes de algumas cidades do pais, a seguir fica a sala dos archieiros, onde dois guardas se perfilam em faces d'uma panoplia de armas e de charamelas em prata do tempo do rei José.

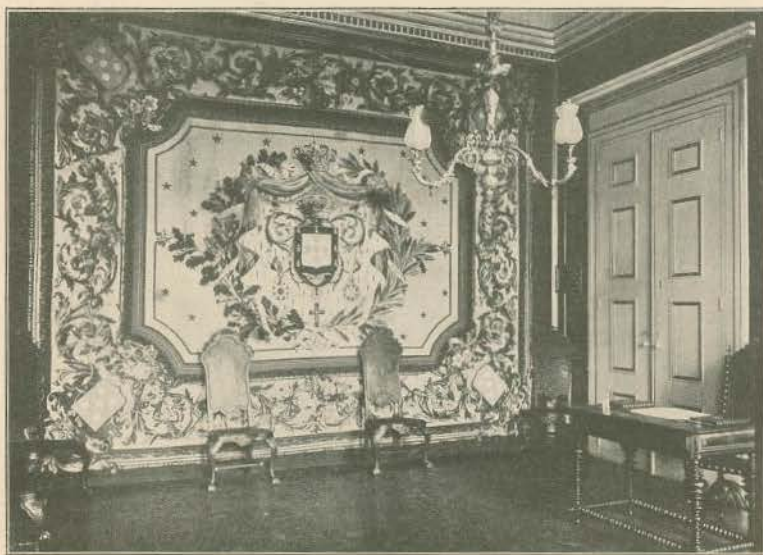
Descemos á escalaria atapetada de vermelho e igual áquella por onde subimos o, chegando ao pateo das Côrtes, atravessamo-lo para entrarmos na cerca onde ha uma fresquidão agradável. São sombreadas as ruas, as arvores tem um sussurro doce á aragem por essa tarde outonal; seguimos sempre em direcção ao atelier de S. M. a rainha que fica lá no alto com as suas cantarias bordadas e o seu aspecto de recato e de quietação.

Vemos de passagem o busto de D. João V, o campo do *lap-tennis*, o jardimito que S. A. R. o senhor infante D. Manuel cultivava, bocados de lagos, a estufa que é maravilhosa.

Lá dentro ha uma fresquidão agradável, as plantas crescem e espalham-se um cheiro a terra molhada; tudo aquillo é verde, batido de luz que entra pelos vidros de que é construída a casa. Ha plantas de largas folhas e pequeninas ervas miudinhas, palmeiras enormes que vão para o alto da cupula e tem á sua sombra fo-



A ESTUFA



A SALA DO PORTEIRO DA CAUNA

litas minuscias. Andamos em volta e saímos para o terreiro em direcção á rua macadamizada por onde lá chegamos.

Por todos os lados ha lagos, pequenos bosques, canaviaes densos, pinheirões, arvores altas que enchem a larga cerca desde a parte das Necessidades em volta pela Fonte Santa até se nuir de novo o muro no largo do Rilvas onde uma porta dá sahida para a ladeirinha contigua ao palacio.

Aquella cerca linda, com as suas arvores frondosas, verdes, onde os passaros chilreavam na tarde outonal

sob a macieira do céu doce e azul, tem visto passar muitas personagens regias que á sua sombra tem rido, folgado, meditado e me no soffrido, porque os reis tambem soffrem, apesar do estado, apesar da pompa.

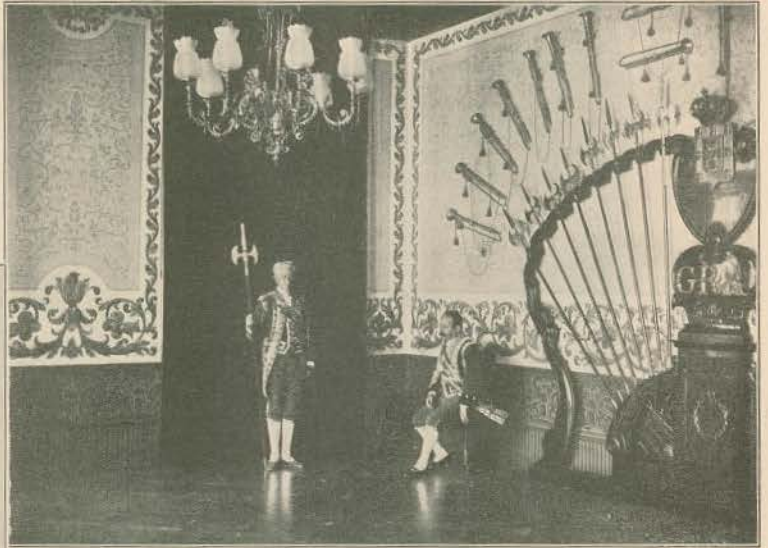
D. Pedro V, esse rapaz que nasceu rei pelo coraçao e pelo talento, por aquellas alamedas se apaixonou com a doce Estephania, pallido lyrio que não podia sustentar o peso d'uma coroa, e sem divida nem dissearam um ao outro os pezaes das suas almas afflictas diante dos males da patria que lhes iam turbar o seu amor.

Por essas mesmas ruas D. Fernando, o rei artista, vagueou a pensar talvez no grande plano da reconstrução da Pena, all falou com esse hespanhol da Salamanca a mostrar-lhe as bellezas do seu parque e a discutir com elle questões financeiras.



UMA OFFERTA DA CIDADE DE PARIS A S. M.

E a cerca assim atulhada de recordações, guardando nas suas alocas como os vestigios d'esses regios passos, era nos nossos olhos pouco a pouco mais imponente. Diante d'um pequeno campo de tennis vimos cadeiras onde S. M. a rainha senhora D. Amélia assiste ao jogo de seus angustios filhos, soubenos que de quando em quando S. M. AA. all fizeram pequenas cavadas e a lem-



A SALA DOS ARCHIVOS

brança d'estes angustios personagens mais nos fazia admirar a quinta d'arvores frondosas que fica nas trazeiras do real paço.

Depois ha hortelhos vijosos, jardins quadrados, trechos de caminhos a desonrolarem-se para o alto a conduzirem para o atelier onde S. M. a rainha se encerra a trabalhar.

Ha bocados d'arcos, cisternas, velhas cascatas, por onde a agua jorra e onde a hera cresce a forrar as paredes e a occultar estatuas de deuses mythologicos comidos pelo tempo!

Descahia a tarde e da rua chegavam rumores de operarios que passavam á volta do trabalho e viemos então deacendo para as bandas do portão, deveras satisfeitos e impressionados pela visita ao paço onde os reis de Portugal habitam.

N'um recinto reservado encontramos nna linda corça, elegante e mansa, que acariciamos algum tempo e de seguida mettemo-nos por entre as arvores altas e ficamos a recordar toda a historia

d'aquelle paço e d'aquella cerca, d'essa capella toda de piedade e de devoção que por um capricho do rei João V all existe n'esse bello lugar diante do Tejo e ao lado do palacio das Necessidades de fachada triste mas atulhada de maravilhas, de obras de arte, que são verdadeiras surpresas para o visitante que, pisando os tapetes da residencia real, prende o olhar n'esse conjunto de obras primas, que seduzem e nos deixam na alma a mais bella das impressões.



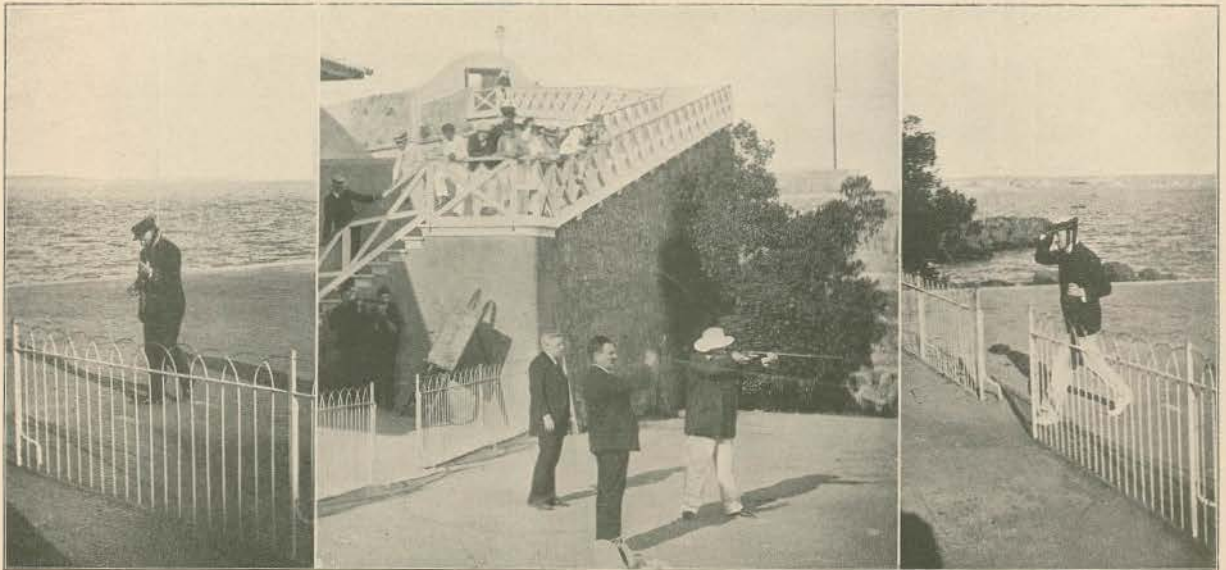
A SALA DOS ESPELHOS



O «ATELIER» DE S. M. A RAINHA



UM ASPECTO DO RECINTO

S. A. R. O SENHOR INFANTE D. AFFONSO
NA CARREIRA

S. M. EL-REI ATIRANDO AOS POMBOS

O SR. DR. LUIZ CREPO NA CARREIRA

PRAIAS: O TORNEIO DE TIRO AOS POMBOS EM CASCAES

Uma das diversões mais queridas da colônia balnear que frequenta Cascaes é a do tiro aos pombos, que se realiza na carreira de Santa Maria. Concorre sempre ali grande numero de pessoas, havendo pelas 'bancadas' grupos de senhores que animam o recinto com as suas 'folhetas'. Uma das mais interessantes sessões foi a que se realizou em 9 de outubro e na qual se fizeram

tres pontes, tomando parte n'ellas alguns dos nossos mais distinctos atiradores. S. M. el rei que nunca deixa de assistir a estes torneios obteve com o sr. barão do Lago a divisão da primeira e segunda pontes, cabendo a terceira aos srs. Rodrigo Botelho, Alfredo O'Neill, Oscar Bianch, Jorge Blerk, dr. Luiz Crespo e Manuel Guimarães. Foram mortos perto de 200 pombos n'esto torneio.



GUERRAS D'AFRICA—DRAGÕES E ARTILHEIROS EM EVOLUÇÕES NO PLANALTO DE MOSSAMEDES

(Segundo photographias)

No planalto de Mossamedes reuniu-se em 29 de agosto a columna de operações. O planalto de Mossamedes tem permanentemente uma companhia de dragões que forma a sua guarnição, em uma hilçada de artilharia, tropas do reino que prestam

grandes serviços em toda a região. É um ponto admitável para a concentração de forças e ali se reuniram além das forças vindas do Leste a 12.ª companhia indígena que trazia como officiaes os seguintes: sr. capitão Henrique da Fon-

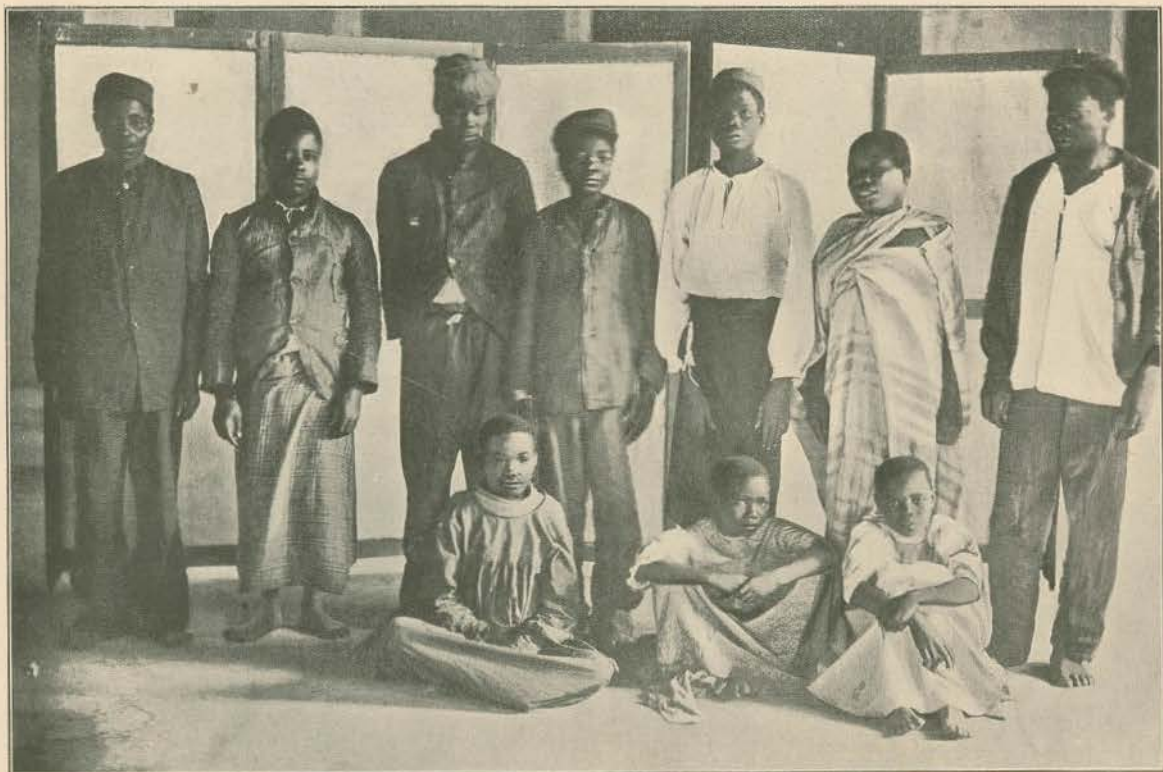
seca, tenente Augusto Tataros, alferes Agostinho Pires, Cadrn. Evangelino, e Gomes Brito e que ficou na Huilla como reserva, assim como a 11.ª companhia da mesma divisão indígena, que está em Mossamedes a ajudar o reforço.



O CONDE DE VISAZA SR. D. CYPRIANO MUÑOZ Y MANSANO
Novo ministro de Hespanha em Portugal



O PINTOR ERNESTO CONDEIXA
Autor do quadro da pequena casa de jantar do anexo ao convento do Bussaco



OS NEGROS ATACADOS DA DOENÇA DO SOMNO QUE SE ENCONTRAM NO HOSPITAL COLONIAL

A doença do sono é causada por um parasita, o *Trypanosoma*, que é transmitido ao homem por certas moscas, que o inoculam. Ha outras espécies parasitarias que atacam os animais, como por exemplo as que produzem o *nagana*, o *mal de cadeiras*, o *mal de do gaitickia*, doença dos cavallos da Gambia. Os negros atacados pelo *trypanosoma* e que se encontram no hospital colonial vieram de Loanda a bordo do *Bengalia* e voem servir para observações, das quaes estão encarregados os srs. drs. Anibal Hottenourt e Kopke Correa Pinto, que voltam d' Africa com os enfermos. Durante a viagem morreram um dos doentes e os outros deram entrada no hospital colonial,

onde é curioso vê-los como somnambulos, n'um estado latente de nervosismo, tendo por vezes ritos e havendo momentos em que se encontram bem dispostos, travando conversa com os visitantes. É sobretudo interessante uma negrinha que os acompanha e que é já muito querida do pessoal do hospital. Os srs. drs. Kopke e Anibal Hottenourt esperam salvar os negros, que serão de seguida enviados para as suas terras d'onde lhes custou immenso a sahir, julgando que os iam matar, como ainda dizem as pessoas a quem falam.



ASPECTO DA FEIRA MENSAL DO CAMPO GRANDE

Tem sempre um aspecto diverso mas igualmente cheio de pittoresco essa feira de gado agora feita entre as barracas da outra feira que ali existe. Os compradores espalham-se, discutem as transacções, nas chapéus de sol falam dos preços do mercado e alguns, após as compras, ficam pelas tabernas a beber, outros marçham

com o gado a caminho de Loures, do Lumiar e das povoações vizinhas. As mulheres ás vezes acompanhadas com os seus filhos garridos de saloia e os ranchos partem de seguida, sempre a discutir as vendas e o mercado termina pela tarde, á hora em que toda a dispersa para o jantar. Mas o aspecto interessante é a do gado

que se aquista, dos bois pretentos, dos porcos que guincham, os bescorinhos miúdos, de vuestros côr de rosa, a seguir em as mães, e tudo isto envolto n'uma luz firme e magnifica de sol, no sussuro das vozes, no ruído, na algazarra dos vendedores.

O GRANDE CAGLIOSTRO

NOVELLA HISTORICA

ORIGINAL DE CARLOS MALHEIRO DIAS

CAPITULO V

O EMISSARIO DO DUQUE DE ORLEANS

Cagliostro apagou as luzes, abriu cautelosamente a porta. No grande silencio que envolvia a hospedaria, aterrorisou-se as sentras pelo corredor, subiu, sem tropeçar, os dois lances de uma escada estreita, que conduzia ás assoteás, atravessou, curvado, outro pequeno corredor, parou em frente a uma porta, de cujo limiar transpirava uma fúmbria pallida de luz.

Teria bastado vel-o subir aquella escada, na escuridão, sem um rumor; vel-o caminhar na treva, sem uma hesitação, como se luzes abundantes o acompanhassem, para se adivinhar que os carcereiros familiares aquelle homem. Só os presos adquirem esse sereno dominio sobre a treva e conseguem desenvolver esse instincto obliterado no homem moderno, que guiou os seus antepassados pela penumbra das cavernas, nos dias silentes das primeiras edades. A policia distingue, entre mil, esses passos silenciosos e quasi fugitivos, tão conhecidos como o caminhar lento e manquejante dos forçados, á sahida das galés.

No grande silencio, Cagliostro, encostado á parede branca, espessa da mansarda, ceitou, para os lados das cavallarias, riuuomas tentos de voz, e arrastar asperas das rodas da sege, que os creados estavam lavando á luz das chumieiras. Nenhum outro ruido transpirava das immedições da hospedaria. Apenas o vento, que soprava do sul, fazia ramalhar as folhas novas no jardim.

Então, Cagliostro bateu tres vezes na porta com os anéis.

Uma voz cautelosa perguntou em francez:

— *C'est vous?*

Cagliostro disse baixo:

— *C'est moi.*

Uma fresta abriu-se, voltou logo a fechar-se sobre Cagliostro, que avançou dois passos na mansarda e se sentou, junto a uma meza carregada de papeis, n'uma cadeira de pan.

O hospede da mansarda pousou na meza, entre a papelada, um candieiro de latão, onde fumejavam tres mechas acesas, embebidas de azeite, e sentou-se n'uma velha poltrona, forrada de damasco cor de vinho, desbotado e roto.

Era um homem livido e magro, de labios finos, o queixo voluntarioso, os olhos pequenos e brilhantes, recuados n'essas orbitas fundas, communs aos libertinos e aos homens de estudo perseverante. Uma velha peruca enquadrava até ás orelhas aquella face livida. Alguns cabellos louros, que reluziam nas fontes, indicavam que a peruca era um disfarce ou uma transigencia aos costumes, n'esse homem que se occultava n'um soião, entre a sua papelada suspeita.

Cagliostro olhou mimiciosamente o seu fraque verde, com botões de esmalte, as rendas enxovalhadas dos punhos, o calção castanho, com presilhas de aço, as meias de seda preta e os seus grossos sapatos de fiavela.

Aquello traço severo e modesto contrastava com o seu luxo de rendas e joias.

Cagliostro avaliou os prejuizos da sua ostentação em frente aquella sobriedade republicana e guardou nos bolsos as mãos scintillantes de anéis.

— Conseguia fallar com o duque, conde? — perguntou o homem da peruca, subindo o reflector de latão do candieiro, de maneira a illuminar a face de Cagliostro.

— A luz incommoda-me os olhos, Francisco Gilles! — disse Cagliostro, franzindo os labios irritados.

Impassivel, o homem do fraque verde, descendo o para-luz de latão, tornou:

— Obteei a minha entrevista do duque?

Cagliostro encostou-se indolentemente á mesa.

— Proveni-o vagamente... Faltei-lhe n'uma carta do senhor duque de Orleans... Não podia comprometter-me nem arriscar-me... Mas o duque pareceu comprehender... Seria necessario que eu estivesse no segredo dos vossos designios e da missão de que vos encarregou o Grande Oriente de Franca.

Leve, como um arpejo, um sorriso passou nos labios finos e pallidos do emissario da maçonaria.

Cagliostro viu o sorriso e retrocedeu, mascarando habilmente a retirada:

— Não é que os desejo saber! O meu interesse está em ignoral-os! Não me convem, n'um paz realista e devoto, intervir em conspirações maçonicas. O Intendente da policia não me parece gostar de conspiradores e eu desejo conservar-me nas boas graças do Intendente! Sem fallar em que estas relações cordiaes podem ser uteis á vossa causa. Na hora de perigo, não me recusaria a socorrer-vos.

O homem da peruca esboçou um vago agradecimento. Cagliostro levantou-se como para despedir-se.

— Não me pode convir andar ás cegas n'uma aventura, que tudo me annuncia perigosa!

O francez sentiu que Cagliostro lhe ganhava terreno, n'tou ainda dissimular a sua desconfiança, disse com



CAGLIOSTRO

uma voz que apparentava ser calma, mas onde se trahia o desasosiego:

— Incumbiram-me de uma missão secreta, conde... Recomendaram-me o maior sigillo.

Cagliostro deu um passo para a porta e voltou-se

— Guardae os vossos segredos, senhor! Conheço todos os planos e todos os projectos das lojas francezas! Sei o que vindes fazer a Portugal e o que promediteis em Franca! Tenho na minha mão os fios das vossas intrigas. Podia fazer vos prender esta noite e entregar á policia os documentos subtraídos á chancellaria dos negocios estrangeiros de Franca, com que imaginas poder caminhar no labyrintho das intrigas da corte. Traquillisaes-vos! Podeis confiar em mim. O mesmo não digo d'esses papeis! Os embaixadores da Franca só prestaram informações incompletas e falsas sobe a politica d'este reino. Esfaes ameaçado de vos encontrar num dia perdido com esse inutil fio de Ariadne.

O envio da franco-maçonaria escutou com imperturbavel serenidade as ameaças, ouviu em silencio as prophcias.

E para acalmar aquella vaidade irritada, disse com uma humildade hypocrita:

— O Grande Oriente de Franca confia em vós, mestre!

Cagliostro ergueu os hombros com um desdem magnifico.

— Julgaes, diplomatas sahidos da Universidade, que a vossa obra mison toda a Europa e que podeis, pelo terror e pela ameaça, obter das monarchias o governo da Europa, sacrificando a revolução ás vossas ambições! Imaginaes, declamadores vão se pusilanimos, que a tempestade pode fazer caminhar os vossos navios no oceano politico dos vossos interesses! Pensaes, homens pre-

sunpeços, que podeis converter os raios em fogos de arteificio! Que deseja o grão-mestre do Oriente de Franca? A republica para os povos? Não, O throno para elle! Mas a maçonaria não pode já impedir a revolução! Os vossos calculos cahirão por terra. Não tentae negar! Conheço os vossos projectos! Tenho a minha policia nas lojas de Franca! Vós quereis impedir o progresso de caminhar, mas já não podeis obstruir-lhe o caminho! Simulaes fazer da revolução uma ameaça, e a revolução é uma realidade! Mandae saber o que se passa na loja das *Nove Irmãs* e o que lá dizem o advogado Danton e Condorcet e Chamfort e Collot d'Herbois e Camillo Desmoulins e Brissot e Stieyès! Fazei parar o tempo! Cogae as consciencias! Arranje pão para toda a fome da Franca! Transfigurae a Rainha n'um idolo popular! Chame de novo Turgot e Malouherbes no poder! As nuvens estão já no céu, Os vossos esforços serão inuteis. A tempestade rebentará!

Com uma voz doce e calma, o homem da peruca disse baixo:

— A revolução vae fazer-se!

Cagliostro olhou, sem surpresa, a face livida do emissario do duque de Orleans.

— Mas vós estae a contramainal a!

— Estamos a favorecel-a!

Cagliostro, fitando as fiavelas dos sapatos, disse:

— Nunca entendi a Republica como vós a entendeis!

— Vós admiraes Rousseau!

— Rousseau é uma croanção! E' por isso que o admirei!

Sorrindo, o homem do fraque verde perguntou:

— Preferis Voltaire?

Cagliostro respondeu:

— Prefiro Cromwell!

— A revolução deve-vos um poderoso auxílio, conde... Fostes vós quem empurrar o cardeal do Rohan para a questão do collar... — disse a voz calma do embaixador da maçonaria, exultando e veneno sob os sorrisos. Cagliostro retrahiu-se com violência.

— Estais enganado! Se o cardeal tivesse ouvido o meu conselho, a questão do collar teria morrido n'um corredor de Versalhes! Dar-vos-hei uma entrevista especial para vos elucidar sobre a politica de França. Hoje é tarde. Reponho nas vossas mãos a tarefa de vos conseguir a entrevista do duque! Pareceis-me demasiado astucioso para a conseguir sem a minha intervenção. O duque é acessivel. O meu zelo em servir-vos poderia parecer-vos excessivo. Desejo-vos bom exito nas negociações e uma noite tranquilla.

E Cagliostro inclinou-se, sorridente, diante da confusão do adversario.

— Partis como um inimigo! — disse Francisco Gilles. Cagliostro, que caminhava para a porta, voltou-se ainda uma vez:

— Declaramo-nos a guerra!

— Sois vós que a trazeis!

— Era a paz que eu trazia!

Com um suor frio, o republicano murmurou:

— Dietas as condicões!

Impertinavel, Cagliostro estorceo-se, voltou a sentar-se.

— Acreditaes que não tenho o menor interesse em entrar nas vossas combinações? Vejo vos sosinho, talvez vigiado pela policia, embaracado em mil difficuldades, ameaçado de mil perigos e ajudo-vos. Não quero para mim nenhuma culpabilidade nos vossos projectos. Apenas me proponho a facilitar-vos o meio de os pôr em pratica. Abro-vos as portas que encontraes fechadas e refiro-me. E a minha primeira condição é esta: — a ignorancia absoluta de todas as vossas negociações!

Estupefacto, Francisco Gilles sentou-se na poltrona de damasco roto.

Brincando com os berloques do relógio, Cagliostro perguntou:

— Accetiaes?

— Accetto.

— E como vos poderia surprender o meu desinteresse em servir-vos e eu conheço de sobejo as desconfianças dos diplomatas, a minha segunda condição é de que em meu poder, para vosso socego, fiquem quaisquer documentos compromettedores, cujo deposito vos bastaria para me denunciar como vosso cúmplice!

Os pequenos olhos espietos reluziram no fundo das orbitas.

Por um instante, o homem calou-se, para se orientar.

Cagliostro aguardava, sereno, batendo com os aneis na tábua da mesa.

— Que especie de documentos exigis?

— Os que a vossa prudencia vos aconselhar a confirmar. Os mais perigosos, se assim vos parecer conveniente!

Bagas de suor desciam sob a peruca pelas faces lividas do delegado politico da franco-maçonaria.

Cagliostro viu a desorientação que turvava aquella alma silenciosa, invadida pelo terror; e brincando com as runas do punho despediu o seu ultimo golpe:

— Não tenhaes escrúpulos... Conheço todos os vossos papéis. Examina-os hontem á noite! As vossas cautelas não vos impediram de beber, n'uma chavena de uva, uma quantidade de opio consideravel! Para vos fallar com sinceridade, os vossos papéis são abundantemente vulgares e banais, á excepção de uma carta de Intendente á Rainha, de que me pareceu util apoderarme!

— E com que fim acculto o fizestes? — perguntou com voz rouca o homem do fraque verde, erguendo-se.

Tranquillamente, diante d'essa corera, Cagliostro respondeu:

— Para vos salvar!

— Estranha maneira de me salvar, envenenando-me!

Cagliostro emendou:

— Adormecendo-vos!

— E falso o que dizeis!

Cagliostro scria brandamente, como um discipulo do Machiavel.

— Ainda o dardistes? Queris apenas experimentar-vos, sem um homem recedido! Podéis attingir as mais elevadas realçoes. Até a fôrca!

Impetuosamente, o homem da peruca cresceu para Cagliostro, as suas mãos lividas agarraram-se-lhe ao pescoço e a uma fôrca homicida.

Cagliostro desprendeu do pescoço as mãos desvaivadas que o estrangulavam e atirou o agressor para a poltrona de damasco.

O seu sorriso não se desvanecera. Parecia um Hercules a brincar com uma orcaça.

— Sois um homem inexperiente e já me não dispense de vos aconselhar!

Francisco Gilles tentou de novo erguer-se. Mas a mão de ferro amobilisou-o.

— Não denuncieis-me!

— Se quizesse faze-lo, já o teria feito! Mas temde cuidado! As perdas sempre livram os covidos. Estais excitado. A vossa voz atravessou aquella porta. Correis o risco de vos denunciar a vos mesmo! Tende cautela. A vossa peruca é suspeita. O vosso traje dá na vista. Aconselho-vos o prompto regresso a França. Para conspirar é necessario ser forte e parecis-me fraco! E' preciso ser calmo e parecis-me colorico! E' indispensavel ser rico



FRANCISCO GILLER TENTOU DE NOVO ERGUER-SE

e parecis-me pobre! Podia fornecer-vos dinheiro. Mas não posso transformar-vos o temperamento. Apredei a dominar-vos e voltae!

O venido quis então mostrar-se forte. Tendo verificado os seus erros, quit reparal-os. Humilhado, teve a energia de confessar as suas culpas.

Erguense mais livido da cadeira, disse constrictamente:

— Perdão-me! Escolhei vós mesmo os papéis! Levae os todos! Aconselhae-me! Obedecei-vos-hei!

Cagliostro percebeu o jogo sagaz do adversario. Os seus olhos penetravam-no, viram o trabalhar da perilla no fundo d'aquelle cerebro, o teor de toda d'aquelle aranha.

As suas feições simularam maravilhosamente a surpresa e a credulidade; os seus braços abriram-se para receber o arrependido.

Francisco Gilles ficou perplexo. Esperava uma resistencia maior ao embuste n'aquelle homem. A vaidade impediu-o de se suppr mais uma vez victima de uma illusão. E no momento em que o tigre surrrescia o dorso afluva as garras, o emissario do Grande Oriente principiava a limginal-o inoffensivo.

Sentado em frente ao conspirador, puxando, com um gesto paternal, pelos botões do seu fraque verde, Cagliostro parecia autorrevido, fallava-lhe como a um com-

panheiro que se encontra na adversidade e a quem se procura, sem humilhação, socorrer no 'vira afflita.

Quantas vezes, no cumprimento de missões semelhantes, se vira como elle, sosinho e perseguido, refugiado n'uma mansarda, pedindo a salvação ao acaso! Conhecia aquellas horas de desconfiança e sobressalto, de injusticia e solitario terror, em que todas as vozes toem rebotes de traição e se procuram instinctivamente as armas á approximação do melhor amigo! Não quizera humilhá-lo nem vender-lhe serviços! Mas, antes de protegê-lo, procurara medir as suas energias, experimentar o seu poder de resistencia contra a adversidade!

(Continua.)



BRAZIL: ARREDORES DA CIDADE DE S. PAULO—MARGENS DO TIETÊ



MISSÃO DE MONOPE NOS GAMBOS, ONDE PASSOU A COLÚMNA DA EXPEDIÇÃO AOS CUAMATAS



CAPITÃO DE MAR E GUERRA SCHULTZ CORREIA
Fallecido em 7 de outubro.



O ESCRITOR ERNESTO LOUREIRO
Fallecido em 8 de outubro.

CHRONICA ELEGANTE

Dizem que o inverno é a estação dos ricos e assim é. Sem entrarmos no amargo das questões sociais nem desvendarmos as misérias e tristezas provenientes da ausência de sol, para os desprotegidos da fortuna, é fora de dúvida que as villegiaturas as viagens, as excursões, por mais dispendiosas que sejam, nunca podem atingir

e artística dos velludos, das sedas, das pelles coras que se exhibem aos primeiros frios. O velludo parece destinado a entrar este anno n'uma phase triumphal. Os riquissimos velludos de Lyon, que offereciam o unico *senão* da sua severa rigidez, são agora, graças aos progressos crescentes da industria moderna, macios, malleaveis e finos como vestim, prestando-se portanto a todas as variedades das complicações da moda actual.

a *toilettes* de noite. Algumas d'estas pastilhas medem 2 centímetros de diametro ao passo que outras tem quando muito 5 millímetros. São feitas com uma rodela de cartão recoberta de seda, velludo, liama de ouro ou prata, tendo algumas um *cabochou* de pedraria ao centro e apresentando o aspecto d'um botão achatado e leve. Collocam-se á beira dos folhos, pondo as maiores em baixo, em volta dos decotes, nos cintos, punhos, etc., e produzem de qualquer forma um effeito encantador.



Fig. 1



Fig. 2

No genero de modificações modernas ha algumas tambem que merecem todos os suffragios; citaremos entre outras a renda hespanhola, *spanish*, que parece destinada a fazer furor. Esta renda já bem conhecida tem o fundo preto ou branco que se ornamenta seguindo os desenhos com applicações de sedas, velludos de cores, ligações e arabescos de fios de seda, ouro o prata de surpreendente effeito decorativo. São consideradas como uma verdadeira *trouvaille* para guardar *toilettes* de velludo ou sedas pesadas.

Outra guarnição *deserter cri* que tambem apresenta novidade é a applicação de *pastilhas* de varias dimensões, dispersas conforme o gosto de cada um, sobre os vestidos de *guipure*, de gaze e tecidos finos destinados

a sumptuosidade e o brilhantismo que offerecem as festas hybernas, nos salões confortaveis e luxuosos, sob as scintillações das luzes modernas, tendo perpassar as mais seductoras figuras, luminosas como astros, flamejantes de joias e radiosas de juvenil enthusiasmo. Até mesmo os tecidos mais custosos de verão, apesar de todo o seu valor e incomparavel sedução, nunca apresentam a apparencia verdadeiramente sumptuosa

As cores são um encanto para os olhos, quer sejam nos tons escuros, neutros ou claros. Até os nomes são suggestivos: *velours idéal, satin, mousseline, duvet*, etc.

Cómprehendese qual deve ser a riqueza e sumptuosidade das guarnições destinadas a acompanhar estes tecidos.

Em primeiro lugar figuram as rendas, tendo sempre as antigas de Bruxellas, Bruges, Alençon, Angletorre, Point de Flandres, de Venise, etc., a primazia, pelo seu incontestavel valor.



Fig. 3

Fig. 1—*Yea-gown* em velludo cor de opala bordado a sedas de cores no genero oriental e guarnecido de renda *spanish* com applicações de cores diversas.

Fig. 2—*Toilette* de cerimonia para menina de 15 annos, em velludo cor de tabaco com gola do *guipure* creme e entremeios *ajourés*. Chapeu de feltro creme guarnecido de velludo tabaco.

Fig. 3—*Toque* de velludo *changeant* cor de pavão, *chaou* de *mousseline* de seda azul pallido e cor do pavão; atraz da *toque* dois passaros azues e verdes de longas caudas e azas.